

A DIALÉTICA DO FAZER: OBSERVAR, ABSORVER E COCRIAR.

Beatriz Rodrigues Abreu¹⁵

Joelma de Oliveira¹⁶

Karina Cristine Isidoro¹⁷

Karla Gabriele Prado dos Santos¹⁸

Keyla Moraes da Silva¹⁹

Vivian Faria Pinto²⁰

RESUMO

Este artigo apresenta um breve relato sobre as vivências e experiências do desenvolvimento de dois projetos de estudo e investigação chamados: “Biblioteca Inventada” e “Arte fotográfica: da câmara escura às fotos do espaço”, realizados na Escola Municipal Anísio Teixeira, localizada no bairro do Ingá, Município de Niterói, Rio de Janeiro, inseridos no PIBID-CAPES, da Universidade Federal Fluminense. O projeto geral intitula-se Múltiplas Linguagens na escola²¹. Os projetos foram construídos com narrativas materializadas em diversas formas que se solidificaram em um processo de cocriação em que o observar e a escuta nos levaram a absorver a expressão das crianças para, enfim, chegarmos juntos ao método de trabalho do conteúdo.

Palavras chave: Experiência, vivências, pedagogia, narrativas, cocriação

ABSTRACT

This article presents a brief account of the experiences and experiences of the development of two study projects and research called: “Invented Library ” and “ photographic art : Darkroom to photos of space” , held at the Municipal School Teixeira , located in the neighborhood Ingá , city of Niterói , Rio de Janeiro, inserted in PIBID - CAPES , Fluminense Federal University . The overall project is entitled Multiple Languages at school. The projects “ Invented Library ” and “ photographic art: Darkroom to photos of space,” they were built with materialized narrative in various forms that are solidified in a co-creation process where watching and listening led us to absorb the expression of children to finally get together the working method of the content.

¹⁵ Graduanda do Curso de Pedagogia da UFF - Niterói. E-mail: beatriz.rodriguesabreu@gmail.com

¹⁶ Professora da Escola Anísio Teixeira, bolsista PIBID. E-mail: jho_oliveira83@hotmail.com

¹⁷ Graduanda do Curso de Pedagogia da UFF - Niterói. E-mail: kaka_cristine@hotmail.com

¹⁸ Graduanda do Curso de Pedagogia da UFF - Niterói. E-mail: karlagabriele_prado@hotmail.com

¹⁹ Graduanda do Curso de Pedagogia da UFF - Niterói. E-mail: Moraeskeyla@yahoo.com.br

²⁰ Graduanda do Curso de Pedagogia da UFF - Niterói. E-mail: vivianfpinto@gmail.com

²¹ As autoras são bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Coord. pela Prof.^a Mônica Silvestre.

Keywords: Experience, experiences, education, narratives, co –creation

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a experiência vivida pelas bolsistas Beatriz Abreu, Karina Isidoro, Karla dos Santos, Keyla Moraes, Vivian Faria, pela professora Joelma Oliveira e pelas crianças da Escola de Ensino Fundamental Anísio Teixeira, nos projetos “Biblioteca Inventada” e “Arte fotográfica: da câmara escura às fotos do espaço”, desenvolvidos no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no decorrer dos anos de 2014 e 2015, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

A primeira fase do projeto teve início em março de 2014, se desenvolvendo na Escola Municipal, localizada no bairro do Ingá, Município de Niterói, Estado do Rio de Janeiro. Naquele ano, o projeto acontece junto à turma do 4º ano (GR4A), composta de vinte e oito crianças, de faixa etária que varia entre nove e onze anos.

Compreendendo que a educação pode influenciar os sujeitos, tanto no seu processo de formação social como, também, na sua formação como profissional nas diversas áreas do conhecimento, é de suma importância relacionar as atividades desenvolvidas com a realidade da criança e trabalhar de forma lúdica, buscando alcançar a curiosidade e o interesse da criança pelo assunto a ser estudado. Espera-se, então, no projeto, apresentar benefícios para a aprendizagem, tornando o aluno participante, ativo e central em cada aula. Assim, primeiramente, iniciaremos este trabalho abordando a questão educacional e suas propostas pedagógicas, segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), quando aplicada à educação infantil:

Ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprias, com os demais e o meio ambiente de maneira articulada e gradual, as Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem buscar a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, como conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores. Desta maneira, os conhecimentos sobre espaço, tempo, comunicação, expressão, a natureza e as pessoas devem estar articulados com os cuidados e a educação para a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, a cultura, as

linguagens, o trabalho, o lazer, a ciência e a tecnologia (MEC, BRASIL, 1998).

E, ainda, como cita Lemes (2005), “já não se prioriza tanto a apropriação dos conteúdos do saber universal, mas o processo do conhecimento e suas finalidades”. Sendo assim, a meta da educação, parte destes projetos, se baseia em diferenciar e exaltar que mais importante do que “o que pensar” é “como pensar”.

A escola se torna, então, lugar onde as propostas pedagógicas se aplicam, devendo proporcionar ao aluno a oportunidade de se desenvolver segundo, não só, a aprendizagem educacional, como também, e, principalmente, as relações sociais construídas dentro das salas de aula, buscando garantir à criança uma maior amplitude de conhecimentos e habilidades. Devendo-se observar, também, que ela é, muitas vezes, o primeiro contato que uma criança tem com o início do seu aprendizado educacional.

Assim, a escola se torna, ao mesmo tempo, detentora do conteúdo educacional, parte do dia a dia de cada criança e o lugar onde as habilidades sociais são vivenciadas e construídas, e é de suma importância não separar a interação social que um conteúdo interdisciplinar pode trazer. Nesse sentido, a instituição escolar passa a ser considerada como um espaço privilegiado no qual a educação e o processo de educar tem como meta se modificar para oferecer, ao estudante, uma melhor forma de aprender, fazendo com que se interesse pelo aprendizado por meio do modo de ensinar.

O pensamento que se constitui, segundo essas metas, não é simples, tomando como ponto de partida questões que vão desde dificuldades de infraestrutura, encontradas em escolas públicas, até questões relacionadas às políticas educacionais existentes. Porém, quando essas dificuldades se apresentam, projetos e didáticas podem coexistir para a construção de uma educação que busque o desenvolvimento completo da criança. E é nesse ponto que o projeto “Múltiplas Linguagens na escola” se torna importante quando inserido na sala de aula. Comemoramos a parceria com a escola com um entusiasmo diferente, pois o espaço,

recém-construído, faz parte de um projeto piloto para implantação de tempo integral nas escolas de ensino fundamental do município.

Entretanto, de nada adiantaria um prédio novo com cadeiras novas se o corpo docente e a direção não tivessem o empenho que têm na concepção e aplicação do currículo: um programa diferenciado que pretende relacionar os saberes de forma orgânica, assim como se dá na vida. Diferente da dinâmica de ocupação do espaço escolar, mais comum nas instituições de ensino público, a proposta aqui é que cada sala abrigue um conhecimento. As crianças vão até a sala, promovendo sua circulação em todos os espaços da escola. Nossa percepção aponta para o fato de que as crianças, realmente, se apropriam do espaço diferenciado e amam estar na escola. Foi nesse contexto que iniciamos nossos trabalhos do PIBID 2014.

PROJETO PIBID 2014 “BIBLIOTECA INVENTADA”

Durante as reuniões de orientação e planejamento, lidávamos com o desafio de nos reinventar. Nossos métodos e práticas formais tinham como objetivo trabalhar a prática textual com sentido, de forma lúdica e criativa, fazendo do encontro em sala de aula um acontecimento verdadeiramente interessante.

Como trabalhar a insegurança e superar a lógica de aplicar a teoria na prática, ultrapassando os próprios preconceitos e métodos cerceadores de copiar e colar que vivenciamos ao longo de nossa própria formação?

Sendo este lugar para todos desconhecido, criamos e trilhamos juntos o caminho até chegarmos a nossa “Biblioteca Inventada”. Foi trabalhando a narrativa que encontramos um dos primeiros passos em direção ao tema do projeto final chamado “Nosso Livro”.

Toda narrativa é uma apresentação de fatos, um conto ou uma história. Pode-se encontrá-la em notícias de jornal, em histórias em quadrinhos, romances, prosas, e

novelas, podendo conter diversas linguagens, como a verbal: oral e escrita, e a imagem: visual e representação teatral.

Quando se deseja escrever uma narrativa, alguns determinados pontos precisam ser abordados, auxiliando para que a contação seja mais clara e coerente:

- Fato – corresponde à ação que vai ser narrada (o quê)
- Tempo – em que linha temporal aconteceu o fato (quando)
- Lugar – descrição de onde aconteceu o fato (onde)
- Personagens – participantes ou observadores da ação (com quem)
- Causa – razão pela qual aconteceu o fato (o porquê)
- Modo – de que forma aconteceu o fato (como)
- Consequência – resultado do desenrolar da ação

Logo, dá-se à sequência desses pontos, o nome de enredo e a partir do mesmo que chegamos ao **tema** - o motivo central do texto.

Iniciando o trabalho com as crianças, no desenvolvimento do tema “Nosso Livro”, foram utilizados dois tipos de narrativas, a “fantasiosa”, em que as crianças poderiam criar histórias e explorar sua imaginação e criatividade, e “biografias”, em que cada criança escreveria uma narrativa real, com escritos que trariam a capacidade de transportar a realidade para o papel, conforme Geraldi (2010) que afirma: “é aqui que o caminho começa a ser construído e ele somente passa a ter existência depois de percorrido, na narrativa que se escreve deste processo de produção”.

A partir da narrativa trabalhada no contexto escolhido pelas crianças, o conceito de autoria - o processo de ser autor de algo - foi apresentado como uma forma de trazer a atenção e curiosidade das crianças para o projeto.

As narrativas autorais, então, se materializaram em diversas formas e provocaram a expressão de diferentes estilos literários, em que o observar e a escuta nos levaram a absorver a expressão das crianças, para, enfim, chegarmos ao método de trabalho do conteúdo e produção dos livros, tornando, assim, cada criança autora e

contadora de sua própria história.

Logo abaixo, apresentamos algumas das histórias autorais, escritas pelas crianças da turma GR4A no ano de 2014:

Um menino levado

(Kawan)

Ele implicava com as pessoas, era muito levado e bagunceiro. Não fazia dever e só levava advertência, mesmo assim continuava fazendo bagunça.

Depois, se tornou adolescente começou a se comportar e ouvir as crianças falando:

-- Nossa, o Kawan mudou, né?

Ele virou adulto e começou a namorar, depois fez faculdade na UFF e encontrou as professoras do PIBID.

A namorada quis se casar, e ele aceitou.

Sabe quem é esse garoto?

Sou eu!



No mundo da imaginação

(Hadwan)

Meu nome é Hadwan, tenho 9 anos, eu gosto de inventar coisas.

Eu desenho. Eu faço Origami. Eu faço armadilha. Eu faço Beybleid. Eu pinto.

Sabe o que eu faço mesmo? Eu amo inventar coisas, fazer desenhos, pintar, fazer origami. Isso é a minha vida, é bem longa. E a tua é longa?

Eu gosto de fazer muitas coisas, e você?



Dizem que, para ser um bom contador de histórias, há uma única competência estritamente indispensável: ser um bom ouvinte de histórias. Como formar seres humanos abertos ao diálogo e à troca se não for promovendo o diálogo e a troca diariamente? Qual o caminho para chegarmos ao diálogo? Nessa dinâmica, o caminho foi ladrilhado pelos suportes que deram a direção e o sentido da cocriação e expressão autoral.

O primeiro contato com o grupo foi durante o período de observação quando todos nós passávamos por uma importante fase de transição e ambientação. Nós, bolsistas, conhecendo-nos umas às outras, a escola, sua metodologia, corpo docente e crianças; elas, as crianças, ainda sem a professora oficial. Nas primeiras semanas, acompanhamos as atividades com a professora substituta Patricia, até que Joelma, a nova professora, assumisse a turma efetivamente. Já sabíamos, pela observação, que a turma, com aproximadamente 30 crianças, tinha muita energia e abertura para conversa: a todo tempo, vinham nos perguntar o que anotávamos, o que faríamos ali e se éramos “professoras de arte”.

Para conhecer um pouco mais as crianças e o ambiente onde começaríamos a trabalhar, realizamos uma atividade em que elas deveriam criar seu autorretrato.

Partimos da leitura do livro “Pablo Picasso”, que dá um breve panorama da vida e obra do artista, com uma linguagem bem adequada às crianças. Após a contação da história, apresentamos um *Power Point, slides*, contendo obras de artistas tais como: Portinari, Munch, Tarsila do Amaral, entre outros, a fim de mostrar variadas possibilidades de expressões plásticas.

Tendo ampliado nosso repertório de expressões estéticas, a partir de vídeos tutoriais do *Youtube*, expusemos para a turma técnicas básicas de pintura, como perspectiva, preenchimento de fundo, aplicação de cores etc. Então, estávamos prontos para a trilha de histórias com as atividades de autoexpressão.

Mais adiante, ficou definido que, nesse período, criaríamos livros autorais com as crianças, a partir de um tema por elas. Depois de uma conversa, definimos nosso projeto com o nome de “Nosso Livro”. Os livros contariam uma história

fantasiosa ou biográfica, a escolha ficaria com cada grupo ou aluno.

Nossa orientação pedagógica nos leva aos caminhos da cocriação, ou seja, buscamos construir junto às crianças os caminhos que percorreremos. Uma vez que temos um tema, trabalhamos com mapas conceituais, a fim de saber seu repertório de conhecimento sobre o assunto escolhido e planejamos, também, com elas como faríamos este percurso.

Compreendemos as crianças como sujeitos complexos que existem a sua própria maneira, de forma única e espontânea com um olhar fresco de certa ingenuidade que lhes permite perceber as coisas de uma forma da qual já nos distanciaram. Buscamos suas perspectivas, seus apontamentos de caminho - os nós de conhecimentos a serem desatados para guiarem nosso fluxo, possibilidades que desconstroem nossas verdades, engessadas no processo de aprendizagem: “insistimos em reconhecê-las como capazes de teorizar sobre sua prática” (PEREZ e SILVESTRI, 2013).

Seguindo essa lógica, nossos encontros foram iniciados com rodas de conversa. Durante a proposta de desenvolvimento das atividades e encontros de formação, o diálogo foi nossa ferramenta básica de trabalho. Essa prática foi fundamental para fortalecermos nossa relação com as crianças, com a professora da turma e, principalmente, para nos educar diante da visão que temos sobre o fazer cotidiano da educação.

As rodas de conversa, metodologia bastante utilizada nos processos de leitura e intervenção comunitária, consistem em um método de participação coletiva de debates acerca de uma temática, através da criação de espaços de diálogo, nos quais os sujeitos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos. Tem como principal objetivo motivar a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, da socialização de saberes e da reflexão voltada para a ação. Envolve, portanto, um conjunto de trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimentos entre os envolvidos nesta metodologia (NASCIMENTO; SILVA, 2009).



Dessa forma, consideramos que, durante uma roda de conversa as crianças podem se expressar livremente, confrontando ideias que vão surgindo. Nesse momento, a criança exercita sua autonomia, já que a conversa é conduzida pelas mesmas, sobre suas vivências, o que sabe e o que deseja saber.

Entendemos que o mundo não está dividido em caixinhas. Os saberes nascidos em diferentes campos dialogam. Entendemos também que em toda pessoa há conhecimento. Consideramos os saberes das crianças, embarcando na sua lógica e visão de mundo (que recorrentemente nos trazem o impensado) para, assim, juntos, construirmos nosso próprio conhecimento: conhecimento não linear, mas com inúmeras possibilidades de desdobramentos.

Em nossas ações assumimos que a formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental deve considerar e privilegiar a apropriação da leitura e da escrita como um processo vivo de construções coletivas de conhecimentos e aprendizagem como um processo de autoria e acontecimento estético (PEREZ; SILVESTRI, 2013).

Após os momentos de observação, iniciamos as atividades com a turma GR4A de forma plástica e o tema autorretrato seria proposto a partir de narrativas.

Partindo de um livro como dispositivo inicial, contamos a história de Pablo Picasso e utilizamos ferramentas audiovisuais para complementar o repertório inicial (noções básicas sobre proporção, preenchimento de tela e cores) que teríamos disponível para desenvolver a atividade proposta: a concepção e realização de um autorretrato em que a primeira história a ser contada pelas crianças seria a de si mesmo, representando-se plasticamente. O fato de a obra ter um lugar garantido na

exposição permanente da galeria PIBID na escola motivou as crianças a desenvolverem a atividade com interesse e cuidado estético.

Uma vez que o vínculo tenha sido estabelecido, iniciamos a prática com a turma, já previamente aquecida, tanto pela atividade inicial de pintura, quanto pelas atividades de produção textual propostas, em paralelo, pela professora. As crianças já demonstravam estar muito motivadas a realizar produções textuais de sua autoria.

Utilizamos dispositivos lúdicos, como contação de histórias e animações para começarmos, primeiro, um trabalho de observação e investigação das narrativas e sua estrutura. A cada caso contado, buscávamos a construção juntos, percebendo e destacando os pontos chave das histórias, refletindo sobre sua forma (se fantástica, maravilhosa, biográfica, autobiográfica, outras).

Apesar de termos um fio condutor que delimitava o objetivo final da atividade com os autorretratos, não apresentamos regras predefinidas para concepção/realização do produto final que foi a “Biblioteca de Livros Inventados”. Todas as turmas participantes do Projeto PIBID trabalharam a criação, concepção de layout e materialização de histórias através de livros, quadros, músicas, colagens, tapetes, cenários e outros. As crianças da turma GR4A se organizaram da forma como preferiram: algumas produziram individualmente, outras em grupos.

Os recursos audiovisuais foram de extrema importância para representação e compreensão da ludicidade do instrumento que criaríamos: o livro como um caminho, que convida o outro para um momento em que cada um é contador da história. Os livros para contação de histórias que propusemos, os vídeos para ambientar as atividades de criação, as conversas sobre temas atuais - tudo foi recebido com muita curiosidade pelos alunos. O ano de 2014 se encerrou com o sucesso do projeto e com a participação efetiva das crianças durante todo o decorrer das atividades.



PROJETO PIBID 2015 “ARTE FOTOGRÁFICA: DA CÂMARA ESCURA ÀS FOTOS DO ESPAÇO”

O retorno à escola no ano de 2015 foi o início de um novo ciclo e de novas aventuras. As crianças, agora, já não eram mais a turma GR4A, mas sim a turma GR5A. Os desejos e curiosidades permaneciam, assim como o nosso desejo por explorar e auxiliá-los em seu aprendizado.

O primeiro grande desafio desse segundo ano com as crianças foi a entrada de novas bolsistas no grupo e a saída de outras. A retomada das atividades com o mesmo grupo e com a mesma professora contribuiu para que as bolsistas que permaneceram no mesmo grupo estreitassem ainda mais os laços construídos durante o decorrer do ano anterior e conseguissem dar uma base de experiência maior para as

recém-chegadas ao grupo, além de uma maior e melhor intimidade com a turma.

A fase de ambientação das crianças com as bolsistas novas se deu de maneira bem fácil, para a surpresa de todos, porém não se pode negar que a saída das outras bolsistas foi de extremo impacto para a turma GR5A.

Perceber o poder da afetividade das crianças em relação às bolsistas e a reação de alguns alunos à falta de uma pessoa conhecida nos fez perceber a relação sujeito-sujeito-objeto, como citam Smolka e Góes (1995): “Isto significa dizer que é através de outros que o sujeito estabelece relações com objetos de conhecimento, ou seja, que a elaboração cognitiva se funda na relação com o outro”. Assim, realmente, percebemos nossa importância para as crianças e como uma mudança pode significar desvios no caminho. O apego das crianças conosco e, também, o nosso com elas, é marcante e real. Nos envolvemos com suas particularidades, sorrisos, rostos e expressões. Qualquer laço que se faça é difícil de ser rompido. Neste caso de mudanças, não foi nem seria diferente. Porém as novas bolsistas estavam sensíveis a esse impacto e conseguiram amenizar a situação e ajudar as crianças a entenderem que o que foi construído, não se perdeu, ficou guardado e que novas e construtivas experiências os aguardavam.

Diferente do ano anterior, o tema central das atividades foi definido ainda nas reuniões entre os grupos de bolsistas com a coordenadora do PIBID, Mônica Silvestre. O grupo GR5A ficou com o tema “*Cinema e Fotografia*”. A princípio, pensamos em como poderíamos abordar esse tema sem impor nada a eles e, ao mesmo tempo, deixar fluir suas curiosidades. Por isso decidimos, junto à coordenadora, que teríamos, como primeiro título, as sombras na fotografia. Por ser algo lúdico, divertido e que, pelo perfil da turma, os alunos abraçariam com facilidade. Tendo isto como meta, ao retornarmos à escola, nosso principal objetivo era despertar o interesse da turma pelo projeto e deixar que eles o moldassem da forma que lhes fosse preferível.

Então, começamos a trabalhar com sombras. Fizemos várias fotos de sombras com as crianças no quadro da sala, utilizando a luz do projetor. Dessas fotos surgiram histórias incríveis sobre príncipes, princesas, guerreiros, cenas do cotidiano e outras

coisas que a mente de uma criança é capaz de criar. A partir desses textos, trabalhamos ortografia, através da “GINCANA NOTA 10!”. Mas, de início, as crianças não se sentiram estimuladas com essa atividade. A primeira tentativa de correção foi monótona, as crianças se dispersaram, o grupo não conseguia tornar aquilo um pouco mais dinâmico, o que demonstra, de acordo com Doyle, que:

a sala de aula é, pois, um cenário pedagógico que tem características que influenciam o repertório comportamental dos professores e alunos, nomeadamente: a multidimensionalidade que se prende com a quantidade e qualidade de acontecimentos e a resposta aos mesmos; a simultaneidade, pois os acontecimentos ocorrem ao mesmo tempo, o que implica que o professor tenha que estar atento a uma multiplicidade de ocorrências; a imediaticidade, já que a interação professor-aluno ocorre de forma tão rápida, que por vezes se torna impossível de controlar todas as interações; a historicidade, uma vez que a turma tem uma identidade própria que se reconstrói no cenário pedagógico da aula e é espelhada nas rotinas e modos de estar dos alunos; por último, mas não menos importante, a imprevisibilidade que se refere ao facto de ser impossível prever qual o próximo acontecimento ou sua consequência (DOYLE, 1986).

A partir dessa experiência, repensamos nossa prática, decidindo tornar mais satisfatório nosso diálogo com as crianças, a fim de convidá-la a participar mais ativamente da elaboração das atividades. Então, na aula seguinte, nos propusemos a perguntar lhes: “como faremos?”. Ideias foram surgindo, e a partir delas, conseguimos construir uma atividade para organizar a reescrita de algumas das histórias coletivamente. Abaixo alguns desses textos:

A MENINA E O GUARDA – CHUVA

Era a menina sair de casa, para começar a chover. Um dia, a mãe dela pediu para ela comprar frutas e não se esquecer de nada. Então, ela foi pela rua comprar as frutas. Ela sempre saía com o seu guarda – chuva pela rua, porém ainda não chovia. A lista de compras estava no bolso. Quando chegou ao mercado, ela viu que a lista era

grande, então, começou pelas frutas. Ela leu que precisava de maçãs, peras, bananas, amoras, uvas, tomate e goiaba e ela comprou tudo. Mas quando ela ía voltar para casa, começou a chover muito. Então ela esperou no mercado a chuva passar, mas cada vez mais aumentava, e ela falou:

-Nossa! Essa chuva não vai passar!

E, então, ela desistiu de esperar e abriu o seu guarda-chuva, mas ele estava velho e quebrou.

E, no final, ela teve que ir para casa na chuva.



O CASAL DO PARQUE

Era uma vez, uma menina e um menino que se gostavam muito. Um belo dia, eles foram se encontrar no parque e passearam pelo parque. A madrasta da menina botou um feitiço que, quando chegavam perto um do outro, eles ficavam fracos. Eles não podiam se aproximar, mas o menino empurrou a madrasta no chão e quebrou o feitiço. Eles viveram felizes e, quando olharam para o céu, os pássaros fizeram um coração.



A GUERRA QUE VIROU AMIZADE

Há muitas décadas, em alguns reinos, houve muitas brigas, confrontos e velórios. No ano de 1990, havia dois reinos: um chamado de Zambézia e outro, chamado de África. As pessoas da Zambézia não podiam passar para a África, e isso acabou causando uma guerra, e ninguém podia ver seus parentes e famílias, ninguém.

Um dia, um zambeziano resolveu ir para África, indo contra a lei. E, então, a guerra começou. Muita gente inocente morreu, muitas famílias. Depois de muito tempo, as rainhas da Zambézia e da África se reencontraram. E o que elas e ninguém sabiam era que eram irmãs, e a mais velha queria os dois reinados para ela. A mais velha queria ver a irmã mais nova, fazia muitas décadas, elas eram imortais, e somente uma prova de amor verdadeiro as deixaria mortais. E, então, elas começaram se cumprimentando.

A mais velha, chamada Matola, falou:

- Olá, mais nova.

A mais nova chamada Síbia, falou:

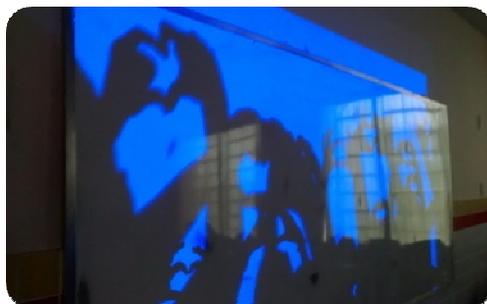
- Olá! Há quantas décadas! Nem sei mais como essa guerra começou, faz tantas décadas e anos irmã!

- Lembra que você queria o reinado todo para você?

Matola falou:

- Desculpa, não quero mais o seu reino, quero paz e união. Arrependo-me, o pai deixou um reino para cada uma de nós, e eu quero realizar o desejo dele.

Então a paz reinou o reino, as duas se uniram e todos foram felizes para sempre. A paz reinou para sempre.



Depois de estudarmos sobre as sombras, partimos, então, para o aprofundamento sobre o tema fotografia. Estudamos o passado e como as sombras eram muitas vezes usadas para “desenhar” silhuetas, sendo, assim, um dos primeiros passos para a solidificação do que conhecemos por foto. A partir daí, discutimos sobre outro assunto, o projeto sobre a Câmara Escura. Foi sensacional, eles adoraram!

Todos nós aprendemos como ela funciona, entendemos que, como ressalta EITLER:

no final do século XVIII, era comum alguns pintores utilizarem uma espécie de câmara escura para copiar paisagens. Algumas dessas câmeras eram de grandes dimensões, permitiam mesmo que um homem se mantivesse de pé dentro dela, de onde podia ver e desenhar com facilidade as imagens exteriores que nela se projetavam (EITLER, 2000).

As crianças ficaram fascinadas em estudar sobre a câmara escura e, para finalizar esse assunto, construímos com elas nossas próprias portáteis.





Dialogando com a turma sobre a câmara escura, surgiu a dúvida de como seriam as sombras dos planetas. Esse questionamento foi feito por uma das crianças, durante uma roda de conversa em que ouvimos suas opiniões e dúvidas sobre as aulas. A pergunta foi: “A terra tem sombra?” e disso caminhamos para um trabalho sobre eclipse. Foi magnífico! Esse foi o momento mais prazeroso para todo o grupo. Eles estavam empenhados, interessados, curiosos e motivados com a descoberta da “sombra da Terra”.

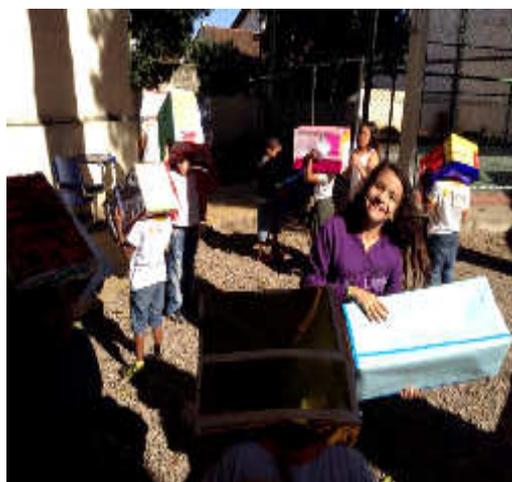
Alcançamos, então, um momento crucial, onde os alunos conseguiram levar o tema planejado para um caminho totalmente novo e extremamente mais interessante para eles: O espaço sideral. Sem perder a conexão que a própria turma criou com o tema fotografia e espaço, passamos a nos concentrar nessa área e levá-los, juntamente, com o que já estávamos estudando sobre a história da fotografia. Começamos falando um pouquinho sobre o sistema solar: quantos planetas, quais, etc.

A pesquisa, não só na escola, como também em casa, por parte das crianças, das bolsistas e da professora Joelma, se tornou mais que importante para o

desenvolvimento do conteúdo. A partir desse conhecimento geral, as crianças trouxeram para a turma questões que foram discutidas e partilhadas.

Não perdendo o foco do tema do projeto, buscamos uma maneira de trazer essa questão espacial para a fotografia e o encontramos questionando as crianças, perguntando: “E como vocês acham que as fotos desses planetas foram tiradas?!”. Com essa pergunta, partimos para estudar um pouco sobre como foi a evolução da câmera fotográfica e da fotográfica até chegarmos aos dias de hoje com toda a tecnologia e exatidão que temos, até mesmo nas fotos do espaço, feitas por meio dos satélites artificiais .

Ao final do projeto, fizemos junto a todas as outras turmas do PIBID, uma exposição dos trabalhos que construímos durante o semestre. Tivemos uma aula para conversarmos sobre o que é uma exposição, como funciona, como se equipa, o que nela pode ser encontrado e afins. O último dia de aula foi o grande dia. Todos nós estávamos animadíssimos. As crianças estudaram os temas com afinco e se apresentaram com muita sabedoria. Chegaram a nos surpreender e nos sentimos orgulhosas do trabalho feito com a turma.





Chegando ao fim desse projeto, podemos dizer que ele foi construtivo para nossa formação, como um exemplo de como ouvir as ideias das crianças, explorá-las, ampliá-las e abraçá-las podem resultar num trabalho divertido, excitante e realmente significativo.

CONCLUSÃO

Durante os projetos, notamos o quanto a turma esteve empenhada e vibrante com cada novidade que trazíamos e construíamos. A turma tem a característica de interagir bastante quando um assunto está sendo proposto. As crianças enchem-nos de exemplos, experiências e informações que adquiriam nos encontros. Alguns

desafios para escrever e organizar as ideias foram logo superados com a dedicação das crianças, intervenção dos bolsistas e da professora da turma.

Entendemos que o interesse que conduz a querer participar com dedicação das atividades realizadas em sala de aula parte do princípio de construção de conhecimento, que considera o educando como alguém que já tem experiências, conhecimento prévio, que acumulam saberes construído fora da escola. Tendo, como diz Geraldi, 2010, “o projeto como um todo tem de estar sempre voltado para as questões do vivido, dos acontecimentos da vida, para sobre eles construir compreensões, caminho necessário de expansão da própria vida”. Se o professor (mediador) nessa construção recebe o educando, este vai se apropriar de uma determinada informação de acordo com o “vivido” e vai transformá-lo em saberes reais, concretos, que o constroem como pessoa, como cidadão, que o tornam pensante e participante ativo da sociedade, como alguém que reflete e se conscientiza. E é nesse processo que o professor, como a pessoa que vai participar e intervir nessa construção direciona seu olhar a essas questões, com a finalidade de tornar o processo de ensino e aprendizado mais significativo.

Rosa Maria Sampaio (1994), ao discorrer sobre a trajetória de Célestin Freinet, enfatiza que o pedagogo busca a associação entre a escola e a vida. Neste sentido é que Célestin Freinet nos instrui a respeito da necessidade de focar o processo educacional no que a criança se interessa. Freinet propôs que a educação fosse centrada no aluno, ou seja, partindo do que as crianças gostam, do que as atrai, do que faz parte de seu universo, do que é apropriado para sua idade e que pode contribuir para seu desenvolvimento. Com essa atitude, revela seu respeito à criança e propõe um novo olhar sobre ela. A criança é alguém que tem história e que é perfeitamente capaz de contribuir com sua própria aprendizagem. Ele nos ensina, ainda, o quanto a criança é capaz de participar ativamente de seu desenvolvimento.

Por tudo isso, consideramos que Cada passo do caminho foi especial, pois vimos em cada criança o entusiasmo no processo e o trabalho realizado.

REFERÊNCIAS

DOYLE, W. Classroom organization and management. In: WITTRICK, M. (ed.), **Handbook of Research on Teaching**. New York: Macmillan, 1986 (apud CRUZ, Mário Rui Domingues Ferreira Da. Artigo - Desmistificando o mito da turma homogênea: caminhos numa sala de aula inclusiva, 2013).

EITLER, K. Questões sobre a fotografia: olhando pelo buraco do alfinete. In: GARCIA, R. L. (Org.) **Múltiplas Linguagens na Escola**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2000.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

LEMES, M. C. de P. **Projeto Institucional UNESP/Pedagogia Cidadã: O Professor/Pedagogo e Educação nos Últimos Tempos**, Monografia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá. Guaratinguetá, 2005. (p. 12-20).

MEC (PARECER CEB022/98) Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/parecer_ceb_22.98.pdf Acesso em 05/07/2014.

NASCIMENTO, M. A. G. do; SILVA, C. N. M. Da. **Rodas de Conversa e Oficinas temáticas: Experiências metodológicas de Ensino-Aprendizagem em Geografia**. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20\(36\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20(36).pdf). Acesso em 15/06/2014.

PEREZ, C.; SILVESTRE, M. **Dos currículos em rede à criação de uma revista eletrônica**, 2013.

SAMPAIO, R. M. W. F. **FREINET: Evolução Histórica e Atualidades**. Editora Scipione, 1994. 239p.

SMOLKA, A. L. B. & GÓES, M. C. (orgs.) (1995) **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. São Paulo: Editora Papirus. (apud Artigo - Afetividade e Aprendizagem: A Relação Professor-Aluno, TASSONI, Elvira Cristina Martins, Universidade Estadual de Campinas).

ENVIADO EM DEZEMBRO/2016
APROVADO EM JULHO/2016